

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Espelho meu

• “Espelho meu, espelho meu, haverá no mundo presidente melhor do que eu?”, perguntou Fernando Henrique na reunião de ministros em que traçou o que pretende ser o retrato de seu governo e, ao mesmo tempo, balizou os temas da campanha de José Serra e dos demais tucanos para as eleições de outubro. Como foi um monólogo, ninguém respondeu. Seguro morreu de velho, dizem.

O finado deputado Álvaro Valle, fundador e presidente do PL, achava que o governo Fernando Henrique fora o pior de toda a história da República. Exagero do deputado, creio. Sou capaz de pensar em dois ou três presidentes bem piores. O marechal Deodoro, para começar, que entregou o governo ao vice por não conseguir conviver com o Congresso. Floriano Peixoto também não foi grande coisa, mantendo o poder a bala e a canhoneiras e fuzilando suspeitos de monarquismo. E o massacre de Canudos? Foi no governo Prudente de Moraes, patriarcal figura que aprendemos a reverenciar como o presidente que consolidou a hegemonia civil na República, evitando que nos transformássemos numa república bananeira. São lembranças antigas que invoco para não falar de Jânio Quadros e Fernando Collor, que também desmentem a tese do diplomata político.

Houve, sim, vários presidentes piores do que Fernando Henrique. O que não houve, em mais de um século de República, foi uma equipe econômica pior. Nenhuma das muitas que passaram pelo poder produziu um crescimento tão medíocre nem um endividamento público tão catastrófico. Nenhuma, tampouco, comprometeu tão profundamente a soberania nacional, levando nossa vulnerabilidade diante do capital financeiro a limites tão perigosos. Não espanta, portanto, que as agências de avaliação de riscos nos classifiquem tão mal. É pelos frutos que se conhece a árvore, ensina o Evangelho.

Sendo um atento observador da sociedade brasileira, é estranho que Fernando Henrique tenha escolhido exatamente a parte mais discutível de seus sete anos de governo para carro-chefe da proposta para a campanha política que deve prometer continuidade sem continuísmo, fórmula que crê poderá levar à vitória o candidato do PSDB.

José Serra sabe muito mais de economia do que Fernando Henrique e seus conselheiros. Logo, não é provável que engula o remédio. Ainda mais porque um de seus méritos foi o de denunciar precocemente a política de manter a ferro e fogo a semiparidade cambial, à custa do endividamento externo e interno, política defendida pelo ministro Pedro Malan e pelo ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco. Essa dupla, homens exemplarmente honestos, deu um prejuízo de bilhões de

dólares ao país, prejuízo maior do que a soma dos roubos de gerações de ladrões que passaram por cargos públicos no último século.

A razão de Fernando Henrique dar prioridade à sua política econômica é que deve suas duas eleições ao Plano Real e à estabilidade da moeda que gerou. Foi a manutenção do preço dos alimentos nas feiras que o fez presidente. Só que hoje a estabilidade da moeda foi assumida por todos os partidos, até mesmo pelo PT, que denunciou o Plano Real como uma passageira manobra eleitoreira quando começou a ser implementado. Assumida pluri-partidariamente foi também a Lei de Responsabilidade Fiscal, uma espécie de guilhotina armada para cortar o pescoço dos governantes irresponsáveis.

Atrás de mim virá quem bem me fará, reza o ditado político. Espero que não, mas desconfio que em muitos aspectos teremos saudades do governo Fernando Henrique.

A rede de proteção social, outro tema do monólogo presidencial, não é ficção eleitoral. É de filó, mas existe. A bolsa-escola federal atinge mais de oito milhões de famílias muito pobres. Poderia atingir mais, com muito mais dinheiro, se não gastássemos R\$ 90 bilhões com o pagamento de juros. O dinheiro do SUS está, finalmente, chegando aos destinatários finais, através do pagamento de procedimentos médicos realmente prestados aos pobres, procedimentos que são confirmados por cartas. O Fundef, do Ministério da Educação, permitiu às prefeituras mais pobres garantir um piso para a remuneração das professoras. Talvez seja a maior ação positiva diretamente em benefício das mulheres que já se fez no Brasil. A reforma do Estado poderia ter avançado mais, mas já criou planos de carreira para várias categorias importantes, como fiscais e policiais federais. Além disso, os métodos de gestão aplicados a projetos prioritários, como os do Avança Brasil, são ganhos positivos que deverão continuar em futuros governos.

Por último, o poder público federal deixou de ser meramente assistencialista. Os programas do Comunidade Solidária estabeleceram um novo modelo, que requer a organização da sociedade em conselhos e a parceria com a iniciativa privada, as universidades e as instâncias municipais.

Não é pouca coisa.